



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O BIOTIPO DAS CRIANÇAS QUE FREQUENTAVAM GRUPOS ESCOLARES E ESCOLAS ISOLADAS EM PERNAMBUCO NA DÉCADA DE 1930

Adlene Silva Arantes

Universidade de Pernambuco- UPE, Campus Mata Norte

adlene.arantes@hotmail.com

1. Introdução

Este texto, que é parte de uma pesquisa mais ampla, buscou compreender como se davam as ações médicas para construir a biotipologia das crianças brancas e negras que frequentavam as aulas de educação física nos grupos escolares e nas escolas isoladas da cidade do Recife na década de 1930. Vale ressaltar que o discurso médico exercia forte influência na educação do período estudado ditando as regras para possibilitar o desenvolvimento de crianças saudáveis e, conseqüentemente a regeneração da nação brasileira. Baseamos-nos teoricamente na história Cultural, e em estudos relacionados à história da educação no Brasil. Utilizamos como fontes os relatórios da Diretoria da Higiene e da Diretoria técnica de Educação, os boletins de educação, e revistas de medicina do período estudado.

A historiografia da educação brasileira tem se debruçado sobre problemáticas que surgem no Império e se desenvolvem na República para compreender como a escola se institucionalizou. Entre essas temáticas emergem os grupos escolares e a “cultura escolar” presente nesses espaços educativos, que segundo estudiosos da área¹ foram responsáveis pela inserção de uma grande parcela da população no mundo dos saberes formalizados. Nesse sentido, Souza e Faria Filho (2006, p.22) mencionam que,

A história dos grupos escolares emerge nos anos 90 como fruto do movimento de renovação dos estudos em história da educação e na confluência de duas temáticas ou eixos de investigação para os quais se voltaram os historiadores: a história das instituições educativas e o interesse pela cultura escolar. Pode-se dizer que essa história significou uma redescoberta do ensino primário investigado com base em

¹ Como Faria Filho e Souza (2006), Pinheiro (2002) entre outros.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

novas abordagens e interpretações epistemológicas e explorada numa multiplicidade de temas e objetos.

A relevância da temática enfocada se justifica pela ausência de estudos que se debrucem sobre grupos escolares e nas escolas isoladas na realidade pernambucana e, sobretudo, sobre a presença de crianças negras nos grupos escolares, espaços considerados de excelência para a educação republicana.

2. O discurso médico na educação física

Sabemos que baseados nos ideais eugênicos médicos brasileiros buscavam transformar o Brasil numa nação civilizada e para isso precisavam resolver *o problema da degeneração social, moral, intelectual* que acreditavam existir e impedir o progresso tão necessário a dita civilização. Nesse sentido, Schwarcz, (1995, p. 198) afirma que a mestiçagem era compreendida como responsável pela produção de um tipo híbrido, inferior física e intelectualmente. Tomada como sinônimo de degeneração não só racial como social, era a partir da miscigenação que se previa a loucura, se entendia a criminalidade e, posteriormente, se definiram programas de melhoramento da raça. Ao saber médico atribuiu-se, progressivamente, o papel de tutorar e sanear a nacionalidade; para o cumprimento desta “missão”, os médicos assumiram uma postura na maioria das vezes marcadamente autoritária e violenta em suas intervenções. Segundo um dos lemas do período – “Prevenir, antes de curar” – os males deveriam ser erradicados antes mesmo de sua manifestação.

Associado a preocupação com a saúde dos escolares a partir de 1930 estava o fator racial. Este, por sua vez, aparecia como um problema para o futuro da pátria, como pode ser observado no Relatório apresentado ao Interventor Federal pelo Diretor da Diretoria de Higiene, Waldemir Miranda em 20 de dezembro de 1930. O relator inicia seu texto elogiando o governador em exercício na época pelo seu gesto patriótico de interesse pela saúde dos escolares num país em que a criança até pouco tempo vivia em completo abandono. Indagando: “Que seria da pátria de amanhã sem o preparo da raça pela assistência à infância?” responde em seguida.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nossa incúria nesse particular imporia no *enfraquecimento das forças vitais da nação pela decadência physica da raça cujo sangue já vem sendo intoxicado há longos annos* pela constancia de malles sociaes que nos affligem sem despertar reação prophylactica por parte dos governos passados. *Raça nova, amparada pela prodigalidade da natureza, começava a decahir sob o peso de uma hereditariedade pathologica que somente a hygiene seria capaz de corrigir.* De facto, já se disse que a hygiene era a rainda da nossa epocha. rainda ou Fada deve ser conhecida de todos para melhor influir na formação pshycho-somatica das novas gerações². (PERNAMBUCO, 1931a, p.1-3)[Grifos adicionados].

Além disso, dizia o relator, que deveríamos cercar a saúde da criança de vigilante observação porque a evolução que sofre seu organismo em crescimento o obriga a constantes modificações que o tornam mais apto a contrair as doenças epidêmicas. por isso, afirmava que, “*cabe ao serviço medico-escolar resolver dos destinos da raça, velando a cultura das novas gerações sob o tríplice aspecto do desenvolvimento physico, espiritual e moral*”.(PERNAMBUCO,1931a, p.4). [Grifos adicionados].

Nesse contexto a educação física aparecia como disciplina importante para a promoção da saúde dos escolares, pois poderia atuar diretamente na regeneração da raça. Nesse sentido, Soares (1996, p.9) afirma que o termo Educação Física vem acompanhado de um requinte no âmbito da pesquisa científica. Tem lugar a educação do gesto, pensada a partir de análises laboratoriais. Tem lugar também um conteúdo predominantemente de natureza esportiva.

No período estudado é possível perceber uma preocupação do governo para orientar a educação física para que ela se enquadrasse nos *moldes rigorosamente scientificos*. Consta no Boletim da Diretoria Técnica de Educação do ano de 1931, por exemplo, que a educação física já não era uma abstração. “Estadeia-se victoriosa, sob bases scientificas, ministradas em grupos escolares e escolas reunidas e profissionais”. (PERNAMBUCO, 1931b, p.9). A justificativa para essa preocupação era explicada da seguinte forma:

(...) Mas do que em qualquer outro povo, talvez, é inadiavel cogitar seriamente entre nós da base physica da raça. Si na grande Republica do Norte, a saude, a

² Vale ressaltar que primamos pela ortografia original das fontes com as quais trabalhamos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

capacidade physica da nação, consideram-se a base de todo o progresso social, muito maior atenção reclama *a educação physica no Brasil, onde causas anti-hygienicas accumuladas crearam uma raça enfermiça, que é mister a todo custo resgatar.* (PERNAMBUCO, 1931b, p.9). [Grifos adicionados].

Acreditava-se que as medidas adotadas pelo Departamento de Educação do Estado “colocaram a educação physica em Pernambuco em moldes superiores aos de qualquer outra organização congenere no paiz”. (PERNAMBUCO, 1931b, p.9). Para isso, um corpo de médicos inspetores de educação física superintendia todo o serviço. Monitoras de educação física especializadas dirigiam os exercícios, distribuídos uma professora e uma auxiliar para cada grupo escolar, sob orientação superior do Instrutor Geral de Educação Física.

O preparo dessas professoras especializadas acontecia num curso regular, em que, ao lado das aulas teóricas e práticas de exercícios físicos, regidas pelo Instrutor Geral. As candidatas recebiam princípios de anatomia e fisiologia aplicadas á educação física, fisiologia da fadiga, higiene do esforço, biometria pedagógica, lecionados por médicos inspetores do serviço. As crianças eram reunidas, para os exercícios, não em classes escolares, mas em turmas homogêneas segundo a idade anatomo-fisiológica, havendo ainda turmas especiais de ginástica corretiva, ginástica respiratória, para débeis e anormais. Nesse contexto,

Cada alumno é objecto de um estudo clinico e biometrico completo, sobre o qual se baseia a ficha individual de educação physica, sendo os exames medicos renovados periodicamente, para a constatação de resultados colhidos com a pratica dos exercicios physicos. (PERNAMBUCO, 1931b, p.10).

Nesse período em Pernambuco estavam sendo adaptados alguns espaços para a prática da educação física, com pistas de corrida, campos de ginástica e jogos, instalações para exercícios e recreios segundo a orientação mais moderna em todos os grupos escolares. Essa organização deveria culminar no Parque de Educação Física que o Governo pregava a construção, em vasta área central da cidade, onde as crianças de todas as escolas encontrariam instalações completas para



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

jogos e exercícios, base da saúde e do vigor das novas gerações. Portanto, em Pernambuco a concepção militarista³ de educação física estava presente.

Para que a educação física obtivesse o sucesso necessário ao revigoramento da raça era necessário conhecer os escolares que frequentavam as aulas, quanto aos aspectos físicos e psicológicos. Nesse processo a antropometria contribuiria para se estabelecer o perfil do escolar pernambucano com vistas a estabelecer, entre outras coisas, a formação de turmas homogêneas no ambiente escolar.

3. A prática antropométrica para estabelecer o biótipo do escolar pernambucano

Sabemos que a antropometria, desde o século XIX era o método mobilizado pelas ciências da vida para precisar o lugar do homem na natureza, definir caracteres raciais e valores biossociológicos. Essas práticas eram baseadas em um pressuposto de cientificidade, para o qual a diversidade humana também obedecia a “condições precisas e leis fixas”. Tal olhar da medicina constitucional sobre a individualidade teria deslocado o papel da categorização racial na conformação dos indivíduos. (GOMES, 2012, p.708-709).

No mesmo sentido, Schwarcz(1995, p.96-97) afirma que a principal questão científica de fundo posta no curso da investigação era como proceder em face da heterogeneidade nas características biológicas e antropológicas da população brasileira. Essa heterogeneidade foi considerada, nos anos seguintes à publicação de “O Normotipo Brasileiro”, uma limitação no uso dos modelos da ‘Escola Italiana’ perante a realidade corpórea dos brasileiros, pois, enquanto na Itália haveria “um tipo de população definitivamente caldeado”, no Brasil não existiria um “centro de população homogênea”. Todavia, dizia ele, isso não impediria a busca do estabelecimento do normotipo brasileiro.

³ A concepção de Educação física militarista tinha como objetivo fundamental a obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta, a guerra. A educação física deveria ser suficientemente rígida para elevar a nação à condição de “servidora e defensora da pátria”, funcionando como selecionadora de “elites condutoras”, capaz de distribuir melhor os homens e as mulheres nas atividades sociais e profissionais. Portanto, o papel da educação física era o de “colaboração no processo de seleção natural”, eliminando os fracos e premiando os fortes, no sentido da “depuração da raça” (GHIRALDELLI Jr, 1994, p.18).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Em relação à prática antropométrica escolar, Waldemir Miranda, responsável pela Diretoria de Higiene de Pernambuco informava, em artigo intitulado “A pratica anthropometrica: Como preenche, neste particular, a ficha de educação physica (Para as monitoras de educação physica)”, como o próprio título sugere, como as monitoras de educação física deveriam preencher a ficha de educação física. Constava no referido artigo que no grupo Maciel Pinheiro as turmas para os exercícios eram constituídas pelas “classes”. Alunos de idades, sexos, estaturas, compleições diferentes, num mesmo bloco. Fez-se uma ficha, com exame antropométrico e clinico. Nomearam-se dois médicos especializados. A classificação se fazia pela idade fisiológica. Segundo Miranda, esta renovação de processo, colocando a educação física acima da intelectual e da moral, como exigiam as condições de capacidade vital, resistência, saúde, dos nossos escolares, devia-se a Aníbal Bruno, á frente da Diretoria Técnica da Educação (PERNAMBUCO, 1931b, p.27).

Entre as medidas necessárias para o estabelecimento do biótipo dos alunos algumas medições eram necessárias. Entre elas destacamos a *estatura*, ou seja, o comprimento do corpo humano, da planta dos pés ao vértice ou a distancia vertical que separa dois planos horizontais, um sobre o qual repousa o individuo, outro que se apoia sobre o vértice da cabeça. E como essa medida era feita?

O objecto utilizado é a “craveira” (ou toeza) que se compõe de uma escala graduada vertical, em geral de 2 metros de extensão, erecta sobre um estrado – onde o escolar se perfila – e ao longo do qual corre uma peça horizontal – “haste” – que deve vir descansar sobre o vertice craneano. O estrado deverá ser verificado com o nivel dagua; a escala, graduada em centímetros e millímetros (aferida a sua verticalidade com um prumo) e a haste, munida, posteriormente, de uma tarracha, ou parafuso de madeira, que a fixará sobre a escala, depois de constatada a estatura. (MIRANDA, 1931, p.29).

Passemos então para a próxima medida, ou seja, o *peso*. O processo de pesagem deveria ser feito da seguinte forma, depois de aferição cuidadosa, e colocada sobre piso plano,

O escolar submettido á pesagem deve achar-se descalço e despojado das pequenas peças do vestuario: palitós, aventaes, blusas, saiotas, suspensorios, cintos, etc. Nada é que se apresentem de tórso nú, conservando os meninos a calça e as meninas a calçola. Não sendo possivel, por qualquer circumstancia, dispensar o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

escolar as varias peças do seu vestuario, devemos exigir-lhe, pelo menos, a retirada dos sapatos. Deve o escolar ser pesado pela manhã, duas horas antes do almoço, ou á tarde, tres horas depois desta refeição (MIRANDA, 1931, p.31).

As demais mediadas referiam-se ao *perímetro thoraxico* que correspondia á circunferência do tórax. Essa medida era verificada estabelecendo a diferença entre a inspiração e a expiração, o que representava o coeficiente de dilatação pulmonar. No caso das meninas o indicado era o *Perímetro xiphoideu*, que consistia em medir na mesma posição. Passava-se a fita cerca de quatro centímetros abaixo da aréola mamaria, isto é, ao nível do apêndice xiphoideu. Dai o nome *perímetro xiphodeu* ou *xiphoesternal* ou, ainda, *sub-peitoral*. Mediam-se ainda o *perímetro abdomina* (para se obter a referida medida utilizava-se a fita métrica estando o individuo de pé. Ela deveria passar ao nível da cicatriz umbilical, comportando-se o examinado naturalmente, isto é, sem qualquer contração dos músculos abdominais; O *Diametro bi-acromial* (traduz a largura dos ombros. Era tomado com o compasso de espessura, grande modelo, escolhendo-se os dois pontos laterais extremos dos acrômios, que são saliências ósseas da parte superior e extrema das omoplatas; O *coeficiente de robustez*.

Em relação ao *coeficiente de robustez* Miranda (1931, p. 37) mencionava que as medidas não teriam valor quando examinados isoladamente, por isso, para se conhecer o desenvolvimento regular do sujeito, imaginaram-se fórmulas aritméticas, cujos resultados classificavam o individuo como valor orgânico. “São os índices ou coefficients de robustez – “expressão do valor physiologico do individuo” ou “valor numerico do individuo”. Os índices de robustez davam a noção geral do desenvolvimento corporal do individuo, utilizando para isso os dados antropométricos e servindo de base á chamada classificação pela idade fisiológica.

Portanto, a partir da antropometria se estabelecia a biotipologia dos escolares de Pernambuco, ou seja, os índices citados eram utilizados em estudos e pesquisas realizados pelos médicos pernambucanos para se estabelecer o perfil das crianças que frequentavam as escolas isoladas e os grupos escolares, como veremos a seguir.

Em 1935 foi elaborado um Plano para organização do Serviço de Educação Física no Estado, que foi levado a VII Conferencia Nacional de Educação que aconteceu no Distrito Federal



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

e apresentado pelo Inspetor de Educação Física e Professor da Escola de Aperfeiçoamento J. Oliveira Gomes. Segundo o referido inspetor,

Pernambuco, diga-se de passagem, muito já tem feito em benefício da educação física de seus escolares. Esse muito, porém, é considerado mínimo, comparado ao que deverá fazer tão depressa quanto possível. O que até agora esta feito, nada mais representa do que *as fundações que servirão de base ao grande arcabouço que permitirá a construção de uma nova raça.* (OLIVEIRA GOMES, 1935, p.18). [Grifos adicionados].

A partir desse plano se organizou no estado o Serviço de Antropologia e Medicina Escolar com o objetivo de levar a termo as pesquisas necessárias á determinação das condições físicas e psíquicas dos escolares, e ainda para que orientasse uma obra esclarecida e eficiente de assistência escolar, sob o ponto de vista alimentar e médico. Dentro desse serviço estava a secção de Morfo-Fisiologia, que segundo seu inspetor achava-se perfeitamente aparelhada para as pesquisas referentes á Morfologia e a Fisiologia dos escolares, cujos trabalhos eram orientados segundo a inspiração da moderna Escola Bio-tipológica italiana.(BRUNO, 1936, p. 76).

Nessa secção, foram organizadas, pelo método de Viola⁴, 5.400 fichas completas de escolares do sexo masculino. Esse trabalho, era considerado “o mais importante que já se realizou no Brasil sobre o assunto, permitiu o levantamento dos biotipos de brancos, pretos e mulatos, de 6 a 14 anos, e da curva de crescimento da criança do nordeste brasileiro segundo o grupo etnológico”(BRUNO, 1936, p. 76). Sobre esses dados e a determinação do coeficiente da nutrição nas varias idades, organizaram-se turmas homogeneas de escolares, para as praticas da educação física, medida indispensável para a regularidade e a eficiencia dos exercicios ginasticos.

⁴ Giacinto Viola era membro da escola italiana de biotipologia e, apoiando-se em dados morfológicos, propunha um padrão classificatório com base na proporção numérica de medidas antropométricas: os normotipos, com simetria entre troncos, membros e abdômen; os braquitipos, com tronco maior que membros e abdômen maior que tórax; e os longitipos, apresentando membros maiores que tronco e tórax maior que abdômen. O corpo era, então, concebido a partir de dois sistemas: o da “vida vegetativa”, compreendendo as vísceras contidas no tronco, e o da “vida de relação”, correspondendo aos membros. Viola também sugeria outra classificação, a partir de três grupos: os normoesplâqunicos, os megaloesplâqunicos e os microesplâqunicos. O termo ‘esplâqunico’ (ou esplâncnico) referia-se às proporções da região abdominal, com suas variações normais, ‘megalo’ (acima) e ‘micro’ (abaixo). (GOMES, 2012, p.709).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Andrade Lima Jr e Luiz Ignacio, os médicos responsáveis pela seção de Morfo-fisiologia do departamento de educação publicaram nos Archivos do Serviço de Antropologia e medicina escolar para o ano de 1936 os resultados de suas pesquisas sobre o *biótipo do escolar em Pernambuco*. Segundo os médicos, o trabalho de coleta foi iniciado desde 1935 seguindo a orientação da Escola constitucionalista italiana. Os médicos dispunham para realizar o procedimento de 19 medidas carecidas para a determinação do morfotipo, além das medidas de diâmetros transversos trocanteriano, acromial e cefálico, sagital cefálico, peso e altura de pé. Para realizar a análise previamente estabeleceram a mensuração somente de crianças masculinas afim de obter o maior rendimento no numero das fichas colhidas. 4.085, colhidas entre os escolares do Recife. Alunos de colégios particulares, escolas federais, instituições de caridade, escolas publicas, grupos escolares constituíam o elementos que tínhamos armazenado.

Tendo em vista a *heterogeneidade dos escolares do ponto de vista racial* como preocupação antecipada, os filhos de estrangeiros foram excluídos do processo (254 fichas foram descartadas). Ainda sob o ponto de vista racial, o material foi colocado dentro dos grupos ditados por Roquette-Pinto⁵ leucodermo(2.123) faiodermo(1.565) e melanodermo (os medicos informam que em face ao numero reduzido de crianças pretas foi necessário juntar os dois grupos etnicos, leucodermo e melanodermo, ou seja, pretos e mulatos).

Alem do critério racial havia uma preocupação com o local de nascimento para que se pudesse afirmar que as crianças eram realmente do nordeste. Nesse sentido, Albuquerque Junior (1997, p.101) menciona que a constituição física dos indivíduos aparece neste discurso como devendo servir de base para a formação de classes homogêneas nas escolas, o que nos leva a presumir que se inferia da homogeneidade física, a homogeneidade intelectual. Este tipo de pedagogia, além do elemento discriminatório e autoritário estabelecia claramente hierarquias a partir da morfologia corporal e porque não a partir da cor. Assim, o autor aponta que o nordestino era um mestiço, em cujas veias corria sangue africano ou indígena, sendo, portanto, produto do cruzamento com raças consideradas inferiores, de onde surgiam seres degenerados, fracos e intelectualmente incapazes; era preciso, pois, selecionar e educar os seus melhores indivíduos, para

⁵ Roquette-Pinto analisando a classificação racial e o processo “combinatório” de nossa miscigenação com o objetivo de conhecer as características dos “tipos antropológicos” dos brasileiros (termo utilizado por ele para se referir aos brasileiros) identificou quatro grandes grupos, de acordo com denominações extraídas do grego, as quais chamou de leucodermos(brancos), faiodermos(brancos x negros), xantodermos(brancos x indios) e melanodermos(negros). (SOUZA, V. 2008, p.218).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

novamente dotar a região de uma elite intelectual e política capaz de tirá-la do atraso e da subserviência política.

Em suas pesquisas os referidos médicos tinham como finalidade estabelecer as medidas básicas para a classificação do morfotipo da criança do nordeste, ressaltando a todo instante “a diferença acentuada do mulato em face do branco. Sempre as medidas do faiodermo mais curtas, mais estreitas que as do leucodermo” (LIMA JUNIOR e IGNACIO, 1936, p.83). Assim, sob o ponto de vista étnico, os médicos afirmaram que o material agrupado era tanto quanto possível homogêneo, e também no que se referia a indagação dos antepassados dos escolares, “razão porque não apresentavam maior número de crianças na organização dos cálculos.(...) talvez nesse tempo atingindo o número desejado de fichas, ‘provinientes de grupos escolares localizados em zonas de aspecto social homogêneo’. ” (LIMA JUNIOR e IGNACIO, 1936, p.85). De posse de 3.688 fichas, os autores afirmavam que, talvez tivessem em mãos o maior número de fichas existente no gênero em todo o Brasil. Procederam agrupando pela idade cronológica, considerando como limites para cada ano, seis meses contados nos dois sentidos. mesmo admitindo que talvez fosse criticável, esse agrupamento, no entanto, era uma norma homogênea, usada no trabalho e continuaria até que outra mais razoável se apresentasse ou posteriormente pudessem dizer alguma coisa sobre os períodos de crescimento descritos por Pende⁶.

Os estudos realizados em Pernambuco também serviram para calcular os limites de normalidade dos escolares. Nesse caso, foram utilizados um agrupamento de 5.435 crianças masculinas, pertencentes aos agrupamentos étnicos Faio e Leucodermos, todos filhos de pais brasileiros (98% de nordestinos). Para cada criança foi feita a determinação antropométrica e a comparação com as medidas e os graus obtidos em outros estudos. Em seguida realizou-se a composição do Índice Sintético T. M. permitido pelos limites de normalidade também calculado em crianças sadias dos dois agrupamentos raciais, mais populosos do nordeste. Esta elaboração conduziu a obtenção de 664 elementos classificados nas formas *ectípicas* L e B, ou seja, 12,2% do número total de crianças examinadas.

⁶ O médico italiano Nicola Pende (1880-1970) é considerado o pai da biotipologia, termo criado por ele nos anos 1920 para caracterizar a “ciência das constituições, temperamentos e caracteres dos indivíduos”. Pende propunha uma associação entre características constitucionais e aspectos endocrinológicos, em que as secreções internas, de base genética, manifestar-se-iam por meio dos fenótipos, denotando as características individuais. (GOMES, 2012, p.712).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A análise revelou uma proteinogenia, talvez motivada pela carência protéica alimentar, acarretando um maior enriquecimento hídrico sanguíneo e textual, atuava no acréscimo do peso e das consequências do Índice Ponderal. Ai o erro de interpretação, o maior embebedimento textural, compreendido como melhoria de nutrição.

4. Algumas considerações

Vimos que no espaço pernambucano, mais especificamente nas escolas primárias a antropometria foi utilizada com o intuito de estabelecer o biotipo do escolar que frequentava tais escolas. Nesse processo o fator racial era levado em consideração e a classificação adotada era a de Edgard Roquette-Pinto: leucodermos(brancos), faiodermos(brancos x negros), xantodermos(brancos x índios) e melanodermos(negros). Assim buscava-se fornecer padrões de diferenciação e hierarquização social na escola e consequentemente, na sociedade como um todo. Para isso, partia-se de ideias como as de Binet, (responsável pela criação do teste de QI) que acreditava que “o exame e a medida do desenvolvimento físico das crianças não têm somente um interesse de pedagogia; todas essas questões, quando bem compreendidas, ultrapassam os interesses próprios da escola e tomam uma verdadeira importância social, pois metem em jogo o futuro da raça e a organização da sociedade.” (CAMPOS e MACEDO, 1934, p. 130-131).

5. Bibliografia

5.1. Fontes

BRUNO, Aníbal. *Serviço de antropologia e medicina escolar*. In: Pernambuco. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO. Archivos do Serviço de Antropologia e Medicina Escolar, Dezembro, 1936, p.73-79.

CAMPOS, Gil de, MACEDO, Armando. *Contribuição á antropometria do escolar recifense*. In: REVISTA MEDICA DE PERNAMBUCO, ano 4, numero 3, Março de 1934, p.125-131.

GOMES, J. OLIVEIRA. *Educação física nas escolas publicas de Pernambuco*. In: PERNAMBUCO. BOLETIM DE EDUCAÇÃO. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, Pernambuco, Brasil. vol. 5, 1935, p. 18-38.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

LIMA JR, Andrade, M.I., Ignacio, Luiz. *O biótipo do escolar em Pernambuco*. Departamento de educação de Pernambuco. Arquivos do serviço de antropologia e medicina escolar, Dezembro de 1936, Pernambuco, Brasil, p.79-89.

MIRANDA, Waldemir. *A pratica anthropometrica como preenche, neste particular, a ficha de educação physica*(Para as monitoras de educação physica). In: Diretoria da Higiene, 1931, DIRETORIA DA HYGIENE. Recife: Imprensa Oficial, 1931.

PERNAMBUCO. DIRETORIA DA HYGIENE. Relatório apresentado ao inventor federal no estado por Waldemir Miranda, em 29 de dezembro de 1930. Recife: Imprensa Oficial, 1931a.

PERNAMBUCO, Diretoria técnica da educação. Introdução. Boletim da directoria Tecnica – Dezembro de 1931b, Pernambuco – Brasil, ano I, n.I,p.5-6.

5.2. Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Breve, lento, mas compensador: a construção do sujeito nordestino no discurso sócio-antropológico e biotipológico da década de trinta. AFRO-ÁSIA, 19/20(1997), p.95-107. http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n19_20_p95.pdf <acesso em 01/06/13>

GHIRALDELLI JUNIOR P. *Educação Física Progressista – A Pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira*. 3ª ed., São Paulo: Editora Loyola, 1994.

GOMES, Ana Carolina Vimieiro. A emergência da biotipologia no Brasil: medir e classificar a morfologia, a fisiologia e o temperamento do brasileiro na década de 1930. BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. CIÊNCIAS HUMANAS, v. 7, n. 3, p. 705-719, set.-dez. 2012.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. *Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba*. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930)*. São Paulo: companhia das Letras, 1995.

SOUZA, Rosa Fátima de, FARIA FILHO, Luciano Mendes. A contribuição dos grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006, p.21-56.

SOUZA,Vanderlei Sabastião. “As leis da eugenia” na antropologia de Edgard Roquette-Pinto. In: LIMA, Nísia Trindade, SÁ, Dominichi Miranda (orgs.). *Antropologia Brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008, p.213-244.